

Farmacêuticos sul-americanos discutem futuro da profissão



As principais autoridades farmacêuticas sul-americanas do "VII Congresso da Fefas". Da esquerda para a direita, Carlos Rodríguez (Venezuela), presidente do evento; Rodrigo Salas (Costa Rica), presidente do Fórum Farmacêutico das Américas; Peter Kielgast (Dinamarca), presidente da FIP; Jaldo de Souza Santos (Brasil), presidente do CFF; Blás Vazquez (Paraguai), presidente reeleito da Fefas; Gustavo Éboli (Brasil), presidente da Fepafar; Edgard Salas (Venezuela), presidente da Federação Farmacêutica Venezuelana; Cosme de Los Santos (Uruguai), diretor honorário da Fepafar; Agustín Lyon (Venezuela), ex-diretor da Fepafar; e Aquiles Arancibia (Chile), assessor da Fefas.

O futuro da profissão farmacêutica foi o tema que norteou o "VII Congresso da Fefas" (Federação Farmacêutica Sul-americana), realizado, em Caracas, na Venezuela, de 27 de novembro a dois de dezembro. As lideranças farmacêuticas, na América do Sul, estiveram presentes ao evento. O presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, declarou que o futuro passa pela qualificação e pelo fortalecimento da atenção farmacêutica. A presença do farmacêutico nos estabelecimentos foi apresentado pela categoria como um problema grave e comum aos países. Durante o evento, a Fefas realizou eleições para a sua diretoria. O paraguaio Blás Vazquez reelegeu-se para o cargo, provando a sua liderança entre colegas da América do Sul.

O evento da Fefas, além de possuir um rico programa científico, atraiu a Caracas as principais autoridades farmacêuticas da América do Sul. Além de Carlos Rodríguez (Venezue-

la), que presidiu o congresso, lá estavam, por exemplo, o próprio presidente reeleito da Fefas, Blás Vazquez, do Paraguai; o presidente do Fórum Farmacêutico das Américas, Rodrigo Salas (Costa Rica); o presidente e o vice-presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos e Élber Barbosa Bezerra de Menezes (Brasil); o presidente e o diretor honorário da Federação Pan-americana de Farmácia, Gustavo Éboli (Brasil) e Cosme de Los Santos (Uruguai), bem como o ex-diretor dessa entidade, Agustín Lyon (Venezuela); o presidente da Federação Farmacêutica Venezuelana, Edgard Salas (Venezuela); o assessor da Fefas e uma das maiores lideranças farmacêuticas sul-americanas, Aquiles Arancibia (Chile); a secretária geral da Fefas, Regina Pezoa (Chile), entre muitos outros.

As atenções estiveram bastante voltadas para o presidente da FIP (Federação Farmacêutica Internacional), o dinamarquês Peter Kielgast. Homem de reflexões sociais e bastante atuali-

zadas da saúde, no mundo, e da situação do farmacêutico, Kielgast não poupou críticas aos desdobramentos maléficos da globalização, processo que, segundo ele, vem penalizando populações carentes.

"A globalização é provavelmente o grande desafio do mundo tecnológico e altamente desenvolvido dos nossos dias, dos pontos de vista político, econômico, social e sobretudo de saúde", disse ele, em um discurso. Acrescentou que a globalização traz reflexos pesados – quando não é ela própria a causa – à vida de povos carentes, como os das cidades pobres da Índia e do Afeganistão. A globalização também isola.

Qualificação – Já o presidente do CFF disse que, no Brasil, os farmacêuticos têm desafios proporcionais ao tamanho dos seus problemas. Insistiu em falar da qualificação e da busca de novos conhecimentos, que definiu como suportes fundamentais para a sedimentação de uma nova far-

mácia para as Américas do Sul e Central. Entende como nova, uma farmácia mais envolvida com as questões sanitárias e sociais da população; que atenda a sua real vocação de estabelecimento de saúde e que ofereça serviços de atenção primária às pessoas. Mas é esta é uma condição que, fundamentalmente, só se conquistará com a atenção farmacêutica plena, alertou.

Souza Santos falou do reforço e do incentivo do Conselho Federal à atenção farmacêutica, ao editar a Resolução 357/2001, que regulamenta as boas práticas farmacêuticas, em farmácias e drogarias. Já as ações do Conselho em favor da qualificação profissional podem ser medidas pelos inúmeros cursos que o órgão vem realizando, pelo Norte-Nordeste do País, em farmácias hospitalar e comunitária, em citopatologia clínica e outras especialidades.

Uma ação “de ponta” do CFF destacada pelo seu presidente é a aproximação do órgão junto a autoridades do Ministério da Saúde, com o objetivo de mostrar-lhes os benefícios à população brasileira, caso aquele órgão do Governo Federal venha a incluir a atenção farmacêutica em sua agenda básica. Falou também das mudanças lideradas pelo Conselho no campo do ensino farmacêutico, em nível de graduação, que culminou com a instituição da formação em farmacêutico generalista.

As ações “vitoriosas” do CFF, no campo jurídico e do convencimento da opinião pública e das autoridades, contra a comercialização de medicamentos em supermercados e através da Internet; as conquistas, no terreno da Justiça, contra o Conselho Federal de Medicina, que vem lutando para criar uma reserva de mercado para os médicos, na área da citopatologia clínica, entre outras ações, foram também apontadas pelo presidente do Conselho Federal como medidas que têm ajudado a transformar o quadro farmacêutico brasileiro.

Souza Santos destacou ainda a filiação do Conselho Federal à Federação Farmacêutica Internacional (FIP) como um momento de relevo de sua gestão à frente do CFF. A filiação, se-

gundo ele, está abrindo um leque de proveitos para os farmacêuticos brasileiros. Citou, entre os proveitos, a aproximação que o profissional terá com outras culturas, com outros profissionais e com as políticas farmacêu-

ticas adotadas no Primeiro Mundo. O acesso a tudo isso resulta no aumento da base de conhecimento técnico do farmacêutico. “A filiação é o nosso ingresso em um tempo que não aceita mais o isolamento”, explicou.

FFA trata de políticas farmacêuticas

O presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, também ocupou a tribuna do Fórum Farmacêutico das Américas (FFA), órgão da Organização Pan-americana de Saúde (Opas)/OMS, para apresentar um painel da situação farmacêutica do Brasil às lideranças do setor nas três Américas. No dia dois de dezembro, o FFA reuniu o seu Comitê Executivo e realizou uma assembléia geral paralelamente ao “VII Congresso da Fefas”, para discutir as políticas farmacêuticas para o Continente.

Souza Santos informou aos seus pares do Continente que o Brasil vem experimentando uma política pública positiva de distribuição de medicamentos para doenças, como a Aids, Hanseníase e Tuberculose. Os produtos, explicou, são recebidos pelos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), gratuitamente, em postos médicos e hospitais públicos.

Ele fez questão de salientar que os medicamentos para tratamento dessas doenças são produzidos por laboratórios oficiais brasileiros, o que barateia substancialmente os gastos do Governo. Além do mais, a sua distribuição, completamente universalizada, é feita, sem burocracia. “É óbvio que esses benefícios precisam chegar a portadores de todas as outras enfermidades”, observou Souza Santos, que, de maneira especial, elogiou o programa do Governo do Brasil, de produção e distribuição gratuita dos medicamentos que integram o coquetel anti-aids. “É um dos mais bem-sucedidos programas do gênero, no mundo inteiro”, frisou. Por causa do programa,

acrescentou, o número de óbitos caiu, no Brasil, e a qualidade de vida do adético melhorou.

Para o presidente, a vitória do ministro da Saúde, José Serra, na Organização das Nações Unidas (ONU), que resultou na quebra da patente de medicamentos para a Aids, “foi um



Dr. Jaldo de Souza Santos fala sobre distribuição de medicamentos, no Brasil

arrojado gesto de coragem que deve ser seguido por todas as autoridades sanitárias do mundo”.

Atenção farmacêutica – Ainda na Assembléia do Fórum, Souza Santos falou das gestões do CFF junto ao Ministério da Saúde (MS), com vistas a que este abra espaços, através de concurso público, à participação do farmacêutico nos programas de saúde pública, a exemplo do PSF (Programa Saúde da Família). Para o presidente do Conselho, o farmacêutico, em hipótese alguma, deve ficar de fora desses programas, pois, sem os seus serviços de atenção, todas as

ações envolvendo o medicamento e a terapêutica podem ficar comprometidas.

Distribuição gratuita nas farmácias – O Ministério da Saúde brasileiro está estudando uma proposta que prevê a distribuição gratuita de medicamentos, nas farmácias e drogarias, para pacientes do SUS, mediante a apresentação de receita médica. De acordo com a proposta, serão distribuídos medicamentos essenciais

que constam da lista da Rename (Relação Nacional de Medicamentos) do próprio MS. A proposta foi apresentada, há dois anos, pelo presidente Jaldo de Souza Santos à CPI dos Medicamentos da Câmara dos Deputados e acatada pelo seu relator, o deputado Ney Lopes (PFL-RN), que a incluiu no Relatório Final da Comissão. O Relatório foi encaminhado ao Ministério da Saúde. A proposta do presidente do Conselho restringe a

distribuição exclusivamente às farmácia que mantenham o farmacêutico atuando em tempo integral.

O MS, adiantou Souza Santos, está estudando a proposta e já manifestou simpatia com a mesma. O órgão deve iniciar a distribuição, primeiramente, de produtos para hipertensão e diabetes. Para receber o medicamento, o paciente terá de pagar uma taxa de R\$ 1,00, para cobrir as despesas dos estabelecimentos farmacêuticos.

Um brasileiro na direção da FIP

São grandes as chances de sair um candidato da América do Sul para compor a diretoria da Federação Farmacêutica Internacional (FIP), na próxima gestão. Tudo indica que o presidente da Ordem dos Farmacêuticos da França, Jean Parrot, saia vitorioso nas próximas eleições da mais alta corte farmacêutica mundial. E o nome sul-americano apontado para compor a chapa com Parrot é o do presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos.

Em Caracas, o presidente da Fefas, o paraguaio Blás Vazquez, questionou o presidente da FIP, Peter Kielgast, se os farmacêuticos sul-americanos tinham alguma chance de ser representados no alto escalão da Federação Internacional. Kielgast, bem ao seu estilo, foi direto e objetivo: “Só há um nome, hoje, que tem penetração política e outros atributos para tanto. É o Dr. Jaldo de Souza Santos, do Brasil”. A mesma pergunta voltou a ser feita, ao que Peter Kielgast respondeu com as mesmas palavras.

A sua resposta foi recebida com aprovação pelo próprio Vazquez. Ele disse aos demais líderes farmacêuticos que o presidente do CFF foi o grande responsável por aproximar a FIP aos países da América do Sul, declaração endossada por outra grande liderança sul-americana, o chileno Aquiles Arancibia.

Enquanto isso, na França, Jean Parrot arruma as malas para visitar o Brasil, a convite de Souza Santos. Ele será homenageado pelo CFF, no Dia do Farmacêutico que, este ano, será

comemorado no dia 24 de janeiro, já que o dia 20, data oficial, cai num domingo.

A aproximação política dos dois presidentes não é de hoje. Começou, quando Jaldo de Souza Santos foi a Cingapura, no ano passado, para assinar a filiação do CFF à FIP. Ali, Parrot disse ao brasileiro que gostaria de

vê-lo como um dos vice-presidentes daquela entidade internacional. Depois, no “VII Congresso da Fefas”, em Caracas, Peter Kielgast deixou transparecer que Jean Parrot é o nome que vai sucedê-lo. O presidente do CFF poderá ser o primeiro sul-americano na direção da Federação Farmacêutica Internacional.

Dilema shakespeareano

“*ser ou não ser*” um profissional do medicamento



Élber Barbosa

O tesoureiro e vice-presidente eleito do Conselho Federal de Farmácia, Élber Barbosa Bezerra de Menezes, voltou de Caracas, na Venezuela, impressionado com as discussões levantadas, durante o “VII Congresso da Fefas”. Algumas são de natureza filosófica; outras, tratando do âmbito profissional e de questões técnico científica, trans-

formaram-se na “grita geral” dos farmacêuticos sul e centro-americanos, por abrigar problemas graves e crônicos da categoria, de acordo com o dirigente do CFF. Os principais problemas são a ausência do farmacêutico nas farmácias e a falta de acesso da população ao medicamento. “Eles são comuns aos países e não podem mais esperar por solução”, bradou o dirigente do Conselho.

Élber Barbosa avalia que, durante o evento, questões reverberaram fundo no seio da profissão, mostrando a magnitude de sua importância para o farmacêutico. São elas as relacionadas às perguntas “O que somos? O que queremos ser?”. O velho dilema shakespeareano (*Ser ou não ser: eis a questão*) parece ter baixado sobre o ambiente farmacêutico da América Latina.

Para o vice-presidente eleito do CFF, pode parecer menos importante o objeto dessa discussão, mas, no fundo, ela esconde um grande problema. Por exemplo, o farmacêutico não está sendo formado com

qualificação suficiente para atuar, com absoluta segurança, nas farmácias, prestando bons serviços na área de farmácia clínica.

Esse problema, prevê Élber Barbosa, tem origem no fato de, nos países sul e centro-americanos, a categoria e os docentes viverem mergulhados numa discussão, sem fim, sobre o verdadeiro papel do farmacêutico – se ele é mesmo o profissional do medicamento ou não. Isso acaba fazendo com que a formação perca qualidade, diante da falta de uma necessária identidade. Ser ou não ser o profissional do medicamento seria o reflexo da perda de identidade.

Muitas vezes, sublinhou o dirigente, o farmacêutico nem sabe bem o que ele está fazendo, nem quem ele é, dentro da farmácia. “Ora, se ele não sabe quem ele é, fica difícil saber o que fazer”, enfatiza, taxativo. Para Élber Barbosa, o farmacêutico é, por natureza, o profissional do medicamento. “É no medicamento e na atenção farmacêutica que estão a sua identidade, a sua origem e o seu futuro”, completou, sem, no entanto, desmerecer os outros segmentos.

Lembrou que, nos Estados Unidos e países da Europa, o farmacêutico é consagrado como o profissional do medicamento. Ao falar do medicamento, refere-se também ao paciente que o usa, à terapêutica medicamentosa, à ações prestadas dentro dos princípios da farmácia clínica. Élber implorou: “As entidades farmacêuticas dos países, como a Fefas (Federação Farmacêutica Sul-americana), a Fepafar (Federação Pan-americana de Farmacêuticos), o FFA (Fórum Farmacêutico das Américas) e outras precisam levantar essas discussões, em nível continental, e buscar uma solução para os problemas”.

Grita geral - O novo vice-presidente do CFF, que assume em lugar de Salim Tuma Haber, impressionou-se também com o nível de consciência, o entusiasmo e a profundidade com que os farmacêuti-

cos dos países pobres das Américas do Sul e Central discutem os problemas comuns, como a ausência do profissional nas farmácia. “Eles têm a exata dimensão política, social e sanitária das questões e querem uma solução para as mesmas”, observou o dirigente do CFF, acrescentando que os profissionais precisam de ajuda.

Élber Barbosa fez das reivindicações daqueles farmacêuticos as suas próprias reivindicações: “Essas entidades farmacêuticas precisam dar uma alavancada rumo à solução

dos problemas da categoria, respaldando as gritas dos profissionais junto às autoridades sanitárias”.

Para o dirigente do Conselho Federal, basta que um documento elaborado e assinado pelas entidades, com o endosso das principais lideranças continentais, seja encaminhado às autoridades para que se consiga sensibilizá-las. “Isso já é um grande passo”, previu. A força de um documento desse tipo vem principalmente do fato de o seu objeto ter sido discutido, internacionalmente.

Programação dos diretores do CFF, fora do Congresso

- **Dia 28** - Audiência com o embaixador do Brasil, na Venezuela, José Roberto de Almeida Pinto. O embaixador anunciou que o Governo da Venezuela está elaborando uma política de implantação de medicamentos genéricos para o País. A Embaixada brasileira já se prontificou a ajudar as autoridades sanitárias venezuelanas, valendo-se da experiência adquirida com a política adotada, no Brasil. O presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, colocou o órgão à disposição da Embaixada. Afirmou ao embaixador José Roberto de Almeida que o CFF poderá prestar à representação brasileira assessoria técnica e científica em genéricos.
- **Dia 29** – Homenagem. O presidente do CFF é homenageado com o diploma de honra ao mérito da Fefas, pelos relevantes serviços prestados à atividade farmacêutica, no Brasil e na América do Sul, com destaque para o trabalho que vem realizando de aproximação entre os profissionais do países sul-americanos. A solenidade de entrega da comenda aconteceu, no Salão de Conveções do Hotel Caracas Hilton, durante a abertura do VII Congresso da Fefas.
- **Dia 29** – Homenagem. Souza Santos recebe uma comenda do presidente da Federação Farmacêutica Venezuelana, Edgard Salas.



Souza Santos recebe comenda do presidente da Federação Farmacêutica Venezuelana, Edgard Salas



O farmacêutico Jaldo de Souza Santos, presidente do CFF, recebe troféu do paraguaio, Blas Vazquez, presidente da Fefas